

Perdi a virgindade em 17 de julho de 1984, às 2:46:50 da madrugada. Aos 15 anos. Um momento desses jamais é esquecido.

Foi durante umas férias na casa da avó da minha amiga Emma, em uma cidadezinha nas montanhas.

Logo fiquei encantada com aquele lugar, que cheirava a eternidade, e com o grupo de garotos com quem saíamos. Mas só um deles havia chamado a minha atenção: Edouard.

A casa da avó da minha amiga tinha um jardim divino e ficava ao lado de um riozinho que tornava o quente clima da estação, o verão, mais agradável. Em frente, havia um campo com mais de um metro de vegetação, um cenário típico de lugares onde costuma chover muito. Emma e eu passávamos tardes inteiras escondidas ali, deitadas, conversando com os garotos e amassando a grama com o peso de nosso corpo, intumescido por conta da puberdade. À noite, escalávamos os muros da casa para encontrar de novo os garotos e flertar.

Eu nunca contei a Emma o que aconteceu. Certa noite, Edouard me levou para sua casa. Lembro que não senti nada, só uma imensa vergonha por não ter sangrado e, ao mesmo tempo, uma estranha sensação de ter feito xixi na cama. Saí da casa sem ser percebida, camuflada pelo barulho da descarga do banheiro, que apertei para disfarçar meus passos na escada.

Só vi Edouard de novo onze anos depois, em Paris, em uma conferência organizada em um hotel. Trancamo-nos no banheiro masculino, tentando reviver aquele desejo de mais de uma década atrás, talvez por medo de crescer ou por nostalgia. Mas, já não era a mesma coisa, e, uma vez mais, o barulho da descarga anunciou minha saída do banheiro público, dessa vez para sempre da vida dele.

Depois da minha primeira vez veio o sentimento de culpa, que tentei esquecer, ou pelo menos mitigar, repetindo a experiência até chegar à

maioridade. Não porque eu tivesse muitos desejos prematuros, mas porque queria experimentar, por pura curiosidade.

De início, atribuí esses impulsos ao fato de a Mãe Natureza ter me dotado de uma sensibilidade especial, à qual eu respondia com o corpo. Foi então que me matriculei na universidade, no fim da década de 1980.

Durante esses anos de estudos eu estava mais concentrada em minha carreira que nos garotos. Queria ser diplomata. No fim, tive que mudar minha orientação universitária e me formei em Línguas Estrangeiras Aplicadas à Empresa sem muito esforço.

Minha família me legou boas maneiras, o saber se portar e uma educação bastante tradicional, tudo impregnado por uma falta de comunicação que me fez interiorizar cada vez mais meus sentimentos. Uma garota como eu não podia comentar com os pais que havia se iniciado na vida sexual.

No último ano da faculdade retomei minhas atividades sexuais. Eu havia notado que algo especial em mim atraía rapazes da mesma condição que eu. Eu era uma feiticeira, e comecei a procurar “Merlins” encantadores em todos os recantos da cidade, gente com chama acesa, amantes, cujas pequenas veias marcadas debaixo da pele tinham sempre algo sexy. Homens nos quais eu pudesse sentir a pulsação de seus punhos. Seres capazes de ouvir a caneta sobre o papel e de se emocionar diante da amplitude de uma mancha de tinta em uma folha branca. Homens que enxergavam, como eu, as partículas que compõem o ar, que podiam perceber suas diversas cores. Gente a quem o odor do vaso entupido em uma balada às quatro da manhã as fazia recordar a fragilidade do ser humano.

Gente que fazia eu me sentir viva.

Sei que, no fundo, essa busca era a manifestação de uma terrível doença: o silêncio, a solidão, a falta de comunicação. Por isso, decidi registrar minhas experiências em um diário. Era a única forma de me entregar e me comunicar. Eu já havia tentado várias vezes e da maneira mais natural: conversando. Mas eu era muito inepta, porque minhas palavras sempre saíam sem a devida consciência do que diria. Algo impossível para uma diplomata!

Minha comunicação verdadeira começou com o corpo, com o movimento dos quadris, o olhar. Quando me veio um “sim”, ao molhar os lábios

com a língua ou por meio de um olhar, e um “não”, ao cruzar os braços, então compreendi.

Alguns homens adoram, enquanto transam, ouvir a mulher falar. Eu nunca soube fazer isso muito bem, o que me valeu muitos desgostos. Alguns homens desapareceram depois do primeiro encontro, reconhecendo, de qualquer maneira, que eu era uma boa amante; mas me faltava a comunicação.

— O que você entende por comunicação? — eu questionava, pondo o cara para fora e batendo-lhe a porta na cara.

Entendi que as pessoas têm necessidade de dar nome às coisas, de simplificá-las com palavras, pensando com isso, equivocadamente, que assim as podem compreender. Eu, porém, passei a me comunicar cada vez menos com as palavras e mais com o corpo.

Se quiser dar um nome a isso, vá em frente! Não ligo! Mas saiba que o que sou, na realidade, é uma ninfa. Uma nereida. Uma dríade.